

A COVARDIA DA AGRESSÃO É ALIMENTADA PELO RACISMO E PELO PRECONCEITO INSTITUCIONAL

Só pra mostrar aos outros quase pretos
e são quase todos pretos
e aos quase brancos pobres como pretos
como é que pretos, pobres e mulatos
e quase brancos quase pretos
de tão pobres são tratados
(Gilberto Gil e Caetano Veloso)

O escritor Lima Barreto, que sentiu na pele a violência de um país racista e preconceituoso, afirmou que na sociedade brasileira “a covardia mental e moral não permite movimentos de independência”, a covardia mental e moral não tolera pessoas que não abrem mão de sua capacidade de refletir, de pensar livremente, de dizer não à vontade e obsessão pelo controle de tudo de quem ocupa cargos na gestão pública. O vergonhoso e covarde episódio de um segurança institucional agredindo um estudante da Ufac na tarde de ontem, evidenciam que as palavras desse escritor continuam muito atuais.

O fato é que na Ufac, lamentavelmente, o racismo e o preconceito institucional ainda estão muito presentes. Mais que isso, as atitudes e atos de estudantes que se orientam pela autonomia de pensamento e de expressão, pela independência frente aos “podres poderes” e suas formas de interdição têm sido tratados de modo violento e inaceitável. A açodada “nota de esclarecimento” da administração superior, publicada no início da noite de ontem, é uma clara evidência disso, pois, em franca ratificação da violência contra as estudantes e os estudantes e da agressão sofrida pelo diretor do Centro Acadêmico de História, a administração da Ufac se dirige vergonhosamente à comunidade acadêmica e à sociedade em geral para produzir a desinformação e dissimular a agressão, afirmando que “a equipe de segurança da Ufac não agrediu nenhum aluno” e que a “ação da segurança foi necessária após a invasão de um prédio público, onde alunos arrombaram a porta, causando danos ao patrimônio público” e que “durante a ocorrência, o chefe da segurança da Ufac foi desrespeitado e desacatado pelos alunos presentes” (sic).

Como assim “invasão de um prédio público”? Como assim os “alunos arrombaram a porta”? como assim “o chefe da segurança da Ufac foi desrespeitado e desacatado pelos alunos presentes”? Com essa nota a administração superior da Ufac toma para si a máxima do modelo de estado fascista e policialesco que faz da

pessoa agredida a agressora, na vã tentativa de justificar a barbárie, inocentando o agressor e jogando a culpa no agredido. Nesse caso o agredido é duplamente violentado: pela agressão física em si e pela agressão institucional que lhe culpabiliza e lhe condena, uma agressão que lhe fere de modo muito mais violento. Ainda que fosse verdadeiro o teor da nota da administração superior, ainda que a administração da Ufac não tivesse – na calada da noite – trocado a fechadura da porta de acesso às salas do C.A. para impedir a entrada das alunas e dos alunos, ainda que a administração superior da Ufac não tivesse colocado dois seguranças no corredor de acesso às salas do C.A. para intimidar e constranger as estudantes e os estudantes, nada disso justificaria a agressão física contra qualquer estudante ali presente.

No entanto, o que torna a atitude da administração superior da Ufac mais vergonhosa é que as imagens feitas antes, durante e após a agressão desordenam a farsa da versão relatada pela “nota de esclarecimento” e indicam que a única responsável pelas agressões físicas e simbólicas contra as estudantes e os estudantes do Centro Acadêmico de História é a própria administração superior desta Instituição Federal de Ensino, que, além de sumariamente sentenciar o conjunto de estudantes como depredadores de bens públicos e desrespeito a servidores da instituição, desfere novas violências psicológicas na forma de ameaças de punição sob a tação do argumento da lei e da ordem.

Encerro, enfatizando que, não por acaso, o tratamento que vem sendo dispensado às estudantes e aos estudantes do Centro Acadêmico de História (a maior parte garotas pretas e garotos pretos com diferentes orientações sexuais e oriundo(a)s de famílias de baixa renda ou de grupos mais vulnerabilizados socialmente) revela e descaso da administração superior com a realidade dessas estudantes e desses estudantes. É preciso lembrar que toda essa situação teve origem no fato de que desde o início das atividades do ano letivo de 2024, após fracassadas tentativas de diálogo com a administração da Ufac para ocupar um espaço físico que estava abandonado (anteriormente, utilizado pela direção do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – CFCH), a diretoria do Centro Acadêmico de História gestão Carlos Marighella decidiu ocupar as salas e isso foi feito à luz do dia, formalmente comunicado à própria administração da instituição que passou a tensionar a questão ao invés de promover o diálogo e assegurar a permanência do C.A. de História e de outras entidades estudantis que vêm sendo empurradas para as

pequenas e insalubres salas de guarda de material de limpeza entre os banheiros ou debaixo das escadarias de blocos de salas de aula.

Lamento muito admitir isso em uma instituição que me abriga há exatos 40 anos, mas não é mera coincidência que o estudante agredido fisicamente seja um aluno preto. Infelizmente, apesar de todos os nossos esforços em marchas, debates, eleições, reformulação de normas, na Ufac ainda sobrevive o racismo estrutural e toda sorte de preconceitos, violências e desrespeitos contra estudantes pretos, indígenas e pessoas com deficiência. A agressão sofrida por um estudante preto no interior do Centro Acadêmico de História da Ufac não pode ser tratada como um episódio isolado e receber o silêncio conivente e cúmplice daquelas e daqueles que desfraldam a bandeira da luta por uma educação étnico-racial em nosso país e da luta contra o racismo e o preconceito em todas as instâncias, em todos os lugares, em todos os tempos. É urgente e preciso repudiar essa intolerável agressão e exigir respeito a todas as estudantes e todos os estudantes desta Instituição Federal de Ensino para que não persevere a ideia de que espancar uma pessoa preta seja sinônimo de segurança institucional ou algo a ser tratado com naturalidade. É preciso repudiar veementemente essa agressão e hipotecar solidariedade ao estudante agredido, pois esse tipo de violência, historicamente banalizada no Brasil, não pode mais ser tolerada no tratamento às pessoas, especialmente, às pessoas indígenas e às pessoas pretas, alvos prediletos de práticas racistas que lançam mão da agressão física “pra mostrar aos outros quase pretos / e aos quase brancos pobres como pretos / como é que pretos, pobres e mulatos / e quase brancos quase pretos / de tão pobres são tratados”.

**Rio Branco, Acre, 18 de agosto d 2024.
Gerson Rodrigues de Albuquerque
Centro de Educação, Letras e Artes
Universidade Federal do Acre**